



Estratégias para o estudo de espaços públicos: a Etnografia como dispositivo de conhecimento arquitetônico e urbanístico

Autores:

Fernanda Meniconi Barbabela - UFMG - fernandabarbabela@gmail.com

Resumo:

A interdisciplinaridade na construção do conhecimento é uma valiosa postura na apreensão de objetos de estudo e no desenvolvimento de qualquer tipo de pesquisa. Neste artigo, defende-se uma postura interdisciplinar a partir da utilização de uma metodologia antropológica, mais especificamente a realização de uma etnografia, no desenvolvimento de uma pesquisa que se encontra no âmbito da Arquitetura e do Urbanismo e cujos objetos de estudo são espaços públicos da cidade e as relações sociais travadas entre seus usuários. Por meio da exposição de métodos e resultados pertencentes a um trabalho previamente desenvolvido pela autora, pretende-se delinear contribuições da Antropologia para uma abordagem mais aprofundada em relação aos objetos de estudo.



ESTRATÉGIAS PARA O ESTUDO DE ESPAÇOS PÚBLICOS

A Etnografia como dispositivo de conhecimento arquitetônico e urbanístico

INTRODUÇÃO

Este artigo é produto da pesquisa “A Cidade e Suas Pessoas: uma investigação etnográfica de redes de sociabilidade e espaços urbanos” que desenvolvi¹ no âmbito do Programa de Educação Tutorial (PET) – Arquitetura, enquanto graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Durante a realização dessa pesquisa, procurei responder à hipótese que questionava a existência de uma correspondência, uma interação dialética, entre as relações de sociabilidade estabelecidas pelos cidadãos e os espaços públicos onde essas ocorriam. Confirmar essa hipótese só foi possível devido ao conhecimento teórico que apreendi com o estudo sobre os conceitos de Sociabilidade e Espaço e ao conhecimento prático que adquiri a partir da realização de uma pesquisa de campo. Tal pesquisa consistiu em incursões a duas praças do bairro onde moro, em que eu procurava aplicar os conceitos estudados para interpretar o que notava nesses espaços públicos.

A experiência prática que tive durante a investigação representa uma das principais razões para que eu pudesse confirmar a hipótese lançada. Por esse motivo, pretendo expor alguns dos principais métodos e resultados que realizei e obtive em minha pesquisa, a fim de sugerir possíveis posturas e dispositivos a serem utilizados por outros pesquisadores que, assim como eu, desejem identificar práticas socioculturais em espaços públicos coletivos. É importante destacar que sugiro tais procedimentos enquanto graduanda em Arquitetura e Urbanismo, que tem interesse em investigar a fundo a vida em espaços públicos.

Conhecer a fundo esse universo significa “mergulhar” no contexto da realidade a ser investigada, e esse é um dos principais preceitos da Etnografia e da Antropologia. Durante a pesquisa, tornou-se urgente a necessidade de aliar conhecimentos arquitetônicos e urbanísticos aos antropológicos, de modo que poderia, de fato, “mergulhar” em meus objetos de estudo e abstrair conclusões que permitissem responder às hipóteses. A contribuição do arquiteto e antropólogo Carlos Nelson Ferreira dos Santos foi decisiva para desvendar esse

¹ É importante esclarecer que faço uso da primeira pessoa em alguns momentos deste artigo para ressaltar que as estratégias metodológicas e os resultados aqui apresentados fazem parte de um processo particular da minha experiência pessoal ao realizar a pesquisa.



processo. Em “Como e quando pode um arquiteto virar antropólogo? ”, o autor relata a experiência de como a pesquisa sobre comunidades de favelas, que iniciou ainda como arquiteto, o fez dar cada vez mais valor para o olhar minucioso sobre os grupos e indivíduos estudados, definindo a trajetória de sua carreira acadêmica e profissional, que se trata de uma combinação entre as posturas de um arquiteto e de um antropólogo. Em suas palavras,

“Fui ficando com muita consciência crítica a respeito da minha profissão e do meu grupo profissional. Para agir como arquiteto sobre os meios urbanos brasileiros era urgente conhece-los melhor. Era preciso descobrir formas de lê-los estruturalmente, que permitissem entendê-los como todos e, ao mesmo tempo, dar conta de um sem-número de particularidades das quais não se podia fazer tábula rasa, sob pena de perder o essencial, aquilo que, de fato, fazia o “sistema funcionar de verdade”. Buscar novos métodos rastreadores das coerências e contradições entre as formas das cidades e de seus elementos físicos conformadores e as relações sociais neles contidas.” (SANTOS, 1980, p.43)

Neste artigo, em um primeiro momento, realizo uma breve explicação teórica da metodologia que adotei e descrevo quais as estratégias metodológicas presentes nas incursões a campo. Em seguida, apresento os espaços públicos investigados, a Praça da Saúde e a Praça Dom Bosco, situadas no bairro Grajaú, região oeste da cidade de Belo Horizonte (MG). Ao final, exponho os principais resultados da pesquisa desenvolvida, de forma a ser possível identificar as contribuições dos métodos utilizados. Obviamente, todas essas etapas foram influenciadas, direta ou indiretamente, pela perspectiva da interação entre as relações de sociabilidade e o espaço público, que guiou todas as escolhas teóricas, metodológicas e práticas da pesquisa.

METODOLOGIA ANTROPOLÓGICA

A pesquisa antropológica é basicamente composta por três fases. A primeira consiste no levantamento bibliográfico e teórico do objeto de estudo (que na pesquisa desenvolvida se tratou principalmente do estudo dos conceitos de Sociabilidade e Espaço) enquanto que a segunda fase, a etnografia, é marcada pela realização de visitas frequentes e duradouras do antropólogo ao universo pesquisado. A terceira fase, denominada etnologia, consiste na compilação e análise crítica de todos os dados levantados pelo pesquisador em campo e o cotejamento desses com os conceitos teóricos que norteiam a hipótese da pesquisa, de forma a produzir um novo conhecimento sobre o objeto de estudo (MALINOWSKY,1978; MATTA,1978).

Até o século XIX, os objetos de estudo da Antropologia eram, em geral, comunidades isoladas e distantes da Europa, geralmente tribos das Américas, África e Oceania. Nesse contexto, a disciplina era marcada por uma visão profundamente evolucionista e eurocêntrica, e as sociedades pesquisadas eram consideradas atrasadas, em um estágio de desenvolvimento inferior a europeia. Além disso, os antropólogos elaboravam sua teoria somente a partir de relatos e de apetrechos trazidos por pessoas que se aventuravam por essas “terras distantes”, e, portanto, seu contato com o objeto de estudo era indireto, a



chamada “Antropologia de Gabinete”, na qual o pesquisador analisava dados e relatos colhidos por viajantes ou pesquisadores de outras áreas, sem nenhum rigor metodológico (MALINOWSKY, 1978). Essa conduta e pensamento antropológicos começaram a mudar na passagem para o século XX, quando novas práticas de pesquisa se desenvolveram em resposta às críticas às práticas até então prevalentes. Nesse contexto, destaca-se a atuação do antropólogo Bronislaw Malinowsky (1884 – 1942), considerado atualmente como o pai do método etnográfico.

Malinowsky, juntamente com outros antropólogos, se torna um dos expoentes da crítica à perspectiva evolucionista da Antropologia Clássica e estabelece um novo método de investigação e interpretação que ficou conhecido como “Escola Funcionalista”. As exóticas sociedades estudadas já não eram mais consideradas atrasadas e sim complexas. Esse reconhecimento implicou em uma mudança metodológica da disciplina por meio da qual o pesquisador seria capaz de produzir um conhecimento científico válido sobre o objeto de estudo. Para entender sociedades complexas totalmente distintas da europeia, era necessário ao antropólogo apreender, de acordo com Malinowsky (1978, p.33), “(...) o ponto de vista dos nativos, seu relacionamento com a vida, sua visão de mundo”. Alcançar esse objetivo era possível por meio de um rígido método etnográfico.

Segundo os preceitos da Escola Funcionalista, era necessário que o antropólogo vivesse um longo período no universo estudado e se adaptasse ao modo de vida típico de sua sociedade. Durante essa imersão, o pesquisador deveria recolher exaustivamente dados que considerasse essenciais para a compreensão do funcionamento da sociedade estudada, tais como os costumes dos nativos, sua organização social, econômica, além do domínio da língua nativa, entre outros. A partir desses dados, o etnógrafo deveria produzir um material que incluísse tanto as suas pontuações científicas quanto o discurso direto dos nativos, de forma a transmitir um conhecimento claro sobre o funcionamento da sociedade investigada. Nas palavras de Malinowsky, “(...) o recurso para o etnógrafo é coletar dados concretos sobre todos os fatos observados e através disso formular as inferências gerais” (1978, p.25). Vale lembrar que àquela época havia um esforço destinado à legitimação da Antropologia como ciência apoiado no rigor do método utilizado e nas impessoalidade e racionalidade do discurso do pesquisador.

Desde então, a etnografia passou a ser incorporada oficialmente à prática dos antropólogos e a disciplina veio a sofrer mudanças e ajustes. Conforme elucida Magnani (2008), na segunda metade do século XX a Antropologia passa a enfrentar uma crise em relação ao seu objeto de estudo primordial, as sociedades consideradas “exóticas”, principalmente devido a fenômenos tais como a extinção de nações indígenas e a recusa de povos anteriormente colonizados em serem considerados objetos de pesquisas antropológicas. Nesse momento, o antropólogo Lévi Strauss (1908-2009), ao questionar se a Antropologia é uma ciência sem objeto, encontra a resposta para a crise vivenciada pela disciplina:

“(...) enquanto as maneiras de ser ou agir de certos homens forem problemas para outros homens, haverá lugar para uma reflexão sobre essas diferenças que, de forma sempre renovada, continuarão a ser o domínio da antropologia (...). Se um *optimum* de diversidade é condição permanente do

desenvolvimento da humanidade, podemos estar certos de que dessemelhanças entre sociedades e grupos não desaparecerão senão para reconstituir em outros planos.” (LEVI-STRAUSS apud MAGNANI, 2008, p.17).

Dessa forma, entende-se que a própria sociedade do antropólogo - a sociedade urbana - pode ser estudada, na medida em que carrega em si uma diversidade complexa que é desconhecida por ele. Conforme ressalta Magnani (2008, p.17), trata-se de um “(...) ajuste de foco – graças ao qual não se necessita ir muito longe para encontrar o ‘outro’ (...) basta uma caminhada pelos grandes centros urbanos e logo se entra em contato com uma imensa diversidade de personagens, comportamentos, hábitos, crenças, valores.”. Por volta a década de 1970, portanto, nasce a Antropologia Urbana, cujo objeto de estudo é o indivíduo da cidade e suas práticas.

É nesse novo âmbito da Antropologia que os métodos adotados durante a pesquisa se situam. Tendo em vista que pretendia compreender as relações de sociabilidade desenvolvidas nos espaços públicos da cidade e suas respectivas características espaciais, bem como a conexão entre esses dois parâmetros, considerei que o método etnográfico seria uma abordagem que permitiria entender apropriadamente tais elementos durante as visitas de campo realizadas.

DE PERTO E DE DENTRO

A fase de etnografia da pesquisa foi estruturada a partir de visitas de campo aos dois objetos de estudo, a Praça da Saúde e a Praça Dom Bosco. As visitas foram realizadas durante um período de quatro meses no ano de 2017 e, devido a minha disponibilidade, optei por realiza-las apenas nos dias de semana. Visitei a ambiência de cada praça uma ou duas vezes por semana, durante um período de aproximadamente uma hora, na parte da manhã ou da noite.

Durante as visitas, os principais procedimentos de recolhimento de dados foram a observação e escuta atentas aos elementos que faziam parte do cotidiano dos espaços pesquisados, bem como registros em um caderno de campo. Meu objetivo era identificar o comportamento dos usuários na praça e as relações de sociabilidade que desenvolviam ou não com os outros frequentadores, assim como a forma como interagiam com o espaço.

Nas primeiras incursões, esses registros foram feitos em um pequeno caderno. No entanto, percebi que tal forma de registro não era a mais adequada, já que as anotações, por estarem todas reunidas em um único texto, dificultariam a extração e análise de dados na fase da etnologia. Além disso, escrever em um caderno nas praças poderia chamar a atenção de seus usuários para mim, o que não era desejável já que minha opção não foi pelo método da observação participante, permanecendo assim sem interagir com outros frequentadores da praça. Dessa forma, o caderno de campo foi substituído por uma tabela “qualitativa” que eu preenchia em meu *smartphone*, o que chamava menos atenção. Essa alternativa permitia direcionar minha observação em campo e filtrar as anotações para que fossem recolhidos apenas dados que estivessem relacionados ao tema da pesquisa, o que evitava o registro de informações desnecessárias e tornava as visitas a campo mais produtivas. Além disso, o fato

de que utilizar o *smartphone* era um hábito amplamente difundido facilitava meu propósito de misturar-me aos usuários das praças como mais uma frequentadora. A imagem abaixo ilustra a estrutura das tabelas utilizadas para anotações— a cada nova visita, era preenchida uma nova tabela.

Imagem 1: Tabela utilizada nas visitas de campo

ANÁLISE EXATA			ANÁLISE PREDOMINANTE					
Horário	Usuários	Quantidade	Uso	Local	C/ quem se relaciona	Como se relaciona	Obs. específicas	Obs. gerais

Fonte: Elaborada pela autora

Uma vez que o objetivo das tabelas era orientar as observações e anotações em campo, ela possui uma divisão em “tipos de informação” que permite a organização dos dados observados. Dessa forma, cada coluna representava um determinado “tipo de informação”, enquanto cada célula da tabela era preenchida com a informação observada. Cada linha, por sua vez, representava o conjunto de informações referentes a um usuário ou a um grupo de usuários notados durante a visita. Uma vez que se tratou de uma pesquisa qualitativa, o preenchimento dessa tabela não foi feito de forma objetiva e reduzida; na maioria das células eram feitas extensas anotações a partir do que eu observava.

Optei por dividir a tabela em análises “exatas” e “predominantes” para manter um compromisso com a realidade da situação observada, mas, ao mesmo tempo, extrair de sua complexidade informações que poderiam ser facilmente analisadas. Essa divisão está de acordo com a concepção de Malinowsky (1978) de que é necessário que o etnógrafo analise o objeto de estudo de acordo com suas próprias condições e dinâmicas, e não a partir de modelos fechados impostos pelo pesquisador. Uma vez que se estuda o cotidiano das praças, é preciso considerar que este não é imóvel, mas está em constante modificação.

Dessa forma, as informações analisadas de maneira exata são aquelas imutáveis: os **horários** em que as visitas de campo eram realizadas (manhã ou noite) e os **usuários**, tipo de informação referente à faixa etária dos indivíduos observados: crianças, adolescentes, adultos ou idosos.

As informações analisadas de maneira predominante, por outro lado, são aquelas mutáveis e que, para fins de interpretação, eram registradas apenas a partir de sua ocorrência mais frequente, predominante. “**Quantidade**”, por exemplo, refere-se ao número de indivíduos que era observado - na fase de etnologia, identifiquei quatro variações desse tipo de informação: “individual”, “dupla”, “grupo de 3 a 5 pessoas” e “grupo de mais de seis pessoas”. Logicamente, os grupos observados nas praças podiam se dispersar eventualmente, ou um indivíduo podia encontrar algum conhecido e se tornar uma dupla por alguns minutos, mudando completamente o registro da situação, mas o fato de terem sido predominantemente um grupo ou um indivíduo é o que mais importava para a análise.



Já **“Uso”** refere-se à atividade predominante que os indivíduos observados realizavam na praça, tais como praticar exercícios físicos ou passear com o cachorro, enquanto o **“Local”** se refere ao ambiente da praça em que os indivíduos realizavam uma determinada atividade de forma predominante. **“Com quem se relaciona”** e **“Como se relaciona”** são as que evocam mais diretamente o conceito de sociabilidade. Cada uma foi dividida em três variações possíveis. **“Com quem se relaciona”** se divide em **“com ninguém”**, **“somente entre si”**, que indica quando uma dupla ou grupo de indivíduos só interagiam entre eles, e **“com outros”**, indicando quando os usuários se relacionavam com estranhos, pessoas alheias ao agrupamento ao qual pertenciam. **“Como se relaciona”** se divide em **“conversa”**, **“copresença”** e **“conversa e copresença”**, esta última designando situações em que os dois tipos de comportamento eram notados com uma mesma frequência: quando dois indivíduos realizavam exercícios físicos juntos, interagindo-se fisicamente, e conversavam em alguns momentos, por exemplo. O termo **“copresença”** é utilizado para designar o comportamento de usuários que, apesar de não interagirem diretamente com outras pessoas (por meio da conversa, por exemplo), travam interações indiretas com o outro pelo simples fato de estarem ocupando um mesmo local. Esse tipo de interação é conceituado pelo trabalho de Erving Goffman (1922 – 1982), e pode ser exemplificado por atos tais como pedir licença a alguém ou participar de uma breve troca de olhares, todos eles compondo o que Goffman denomina como uma **“(…) gestão da presença corporal e da orientação mútua”** (NUNES, 1993, p.42).

Por fim, os dois últimos tipos de informação da tabela se referem a informações que não se encaixavam em nenhum dos anteriores, mas que, por se tratar de uma pesquisa qualitativa, eram extremamente importantes. As **“Observações específicas”** se referem a anotações sobre um determinado indivíduo, dupla ou grupo de indivíduos, e são constituídas por transcrições de diálogos que eu escutava, pontuações sobre a roupa que os usuários vestiam, entre outros. As **“Observações gerais”**, por outro lado, são constituídas de anotações sobre minha experiência de realizar a visita de campo em questão – pontuações sobre como os outros indivíduos se comportaram em relação a minha presença, impressões sobre a temperatura da praça no momento da visita, entre outros. Foi importante registrar esse tipo de informação porque, conforme elucida Agier (2009), o conhecimento antropológico da cidade trata-se da combinação entre a voz do pesquisador e a do universo pesquisado.

De forma a obter informações complementares às anotações na tabela, adotei também como estratégia etnográfica a realização de entrevistas semiestruturadas com os usuários das praças. Optei por entrevista-los apenas após o período de realização das incursões a campo, devido a dois motivos. O primeiro se devia ao fato de eu não querer revelar minha identidade de pesquisadora enquanto realizava as visitas, uma vez que acreditava que os usuários das praças, cientes dessa informação, poderiam se sentir incomodados com o fato de estarem sendo observados, o que comprometeria a almejada observação de um cotidiano autêntico. O segundo motivo, por sua vez, se baseava na escolha por entrevistar usuários previamente selecionados, a partir do papel que exerciam nas dinâmicas socioespaciais de cada praça. Dessa forma, era necessário realizar uma quantidade satisfatória de incursões a campo antes de começar as entrevistas, para que pudesse me familiarizar com o cotidiano das praças e identificar quais seriam os melhores usuários a entrevistar.



Por fim, optei por entrevistar usuários ou grupos de usuários “representantes” das principais atividades notadas tanto na Praça da Saúde como na Praça Dom Bosco. Na maioria dos casos, as entrevistas foram realizadas na própria praça, de forma espontânea e de acordo com uma proposta semiestruturada. Sem contato prévio, eu abordava os usuários e, após o seu consentimento em serem gravados, iniciava uma conversa estruturada por algumas perguntas básicas planejadas, mas que se desenvolvia de acordo com a biografia e a fala dos entrevistados, garantindo um resultado único em cada entrevista. Essa proposta de entrevista, como elucidam Eckert e Rocha (2008), se trata de uma premissa da investigação etnográfica, que objetiva trocas mútuas de conhecimento entre o pesquisador e os indivíduos pesquisados, em uma dinâmica livre e aberta.

Além das anotações na tabela de campo e das entrevistas, também tirei fotografias das duas praças, a fim de ilustrar algumas das minhas observações e de captar o ambiente e a dinâmica da vida cotidiana desses espaços públicos. Outro recurso utilizado foi a produção de materiais gráficos referentes às praças estudadas e ao bairro Grajaú, responsáveis por me ajudar na compreensão de seus espaços. Primeiramente, produzi um mapa de uso e ocupação dos imóveis do Grajaú, em que foram levantadas edificações residenciais, comerciais e institucionais. A partir desse material, foi possível notar as diferenças internas do bairro e entender melhor os contextos gerais e imediatos em que as praças estavam inseridas. Após essa análise a nível “macro”, produzi diagramas da configuração física de cada praça, ilustrando seus formatos e equipamentos que possuíam. Esse recurso foi de grande valia na fase de etnologia, especialmente no momento em que procurei traçar correspondências entre as relações de sociabilidade típicas de cada praça e o espaço onde ocorriam.

OS OBJETOS DE ESTUDO

Antes de expor os resultados da pesquisa, é necessário apresentar o contexto urbano no qual os dois objetos de estudo estão localizados. Segundo os limites oficiais estabelecidos pela Prefeitura de Belo Horizonte, as praças se localizam no bairro Grajaú, situado na porção pericentral oeste da cidade. Trata-se de um bairro recente em relação à história da capital mineira (fundada em 1897): seus primeiros loteamentos datam da década de 1920, mas sua ocupação se intensificou apenas na década de 1970 e hoje é marcada por um caráter predominantemente residencial, constituído em sua maioria por casas e edifícios de pequeno e médio porte. Os estabelecimentos comerciais e institucionais existentes (lojas e escolas, por exemplo) se concentram em regiões específicas do bairro, sendo a mais relevante delas a Avenida Silva-Lobo, seguida por áreas pontuais nas porções central e leste do Grajaú. Na imagem abaixo, tem-se o mapa do bairro e sua localização em Belo Horizonte.



Imagem 2: O bairro Grajaú

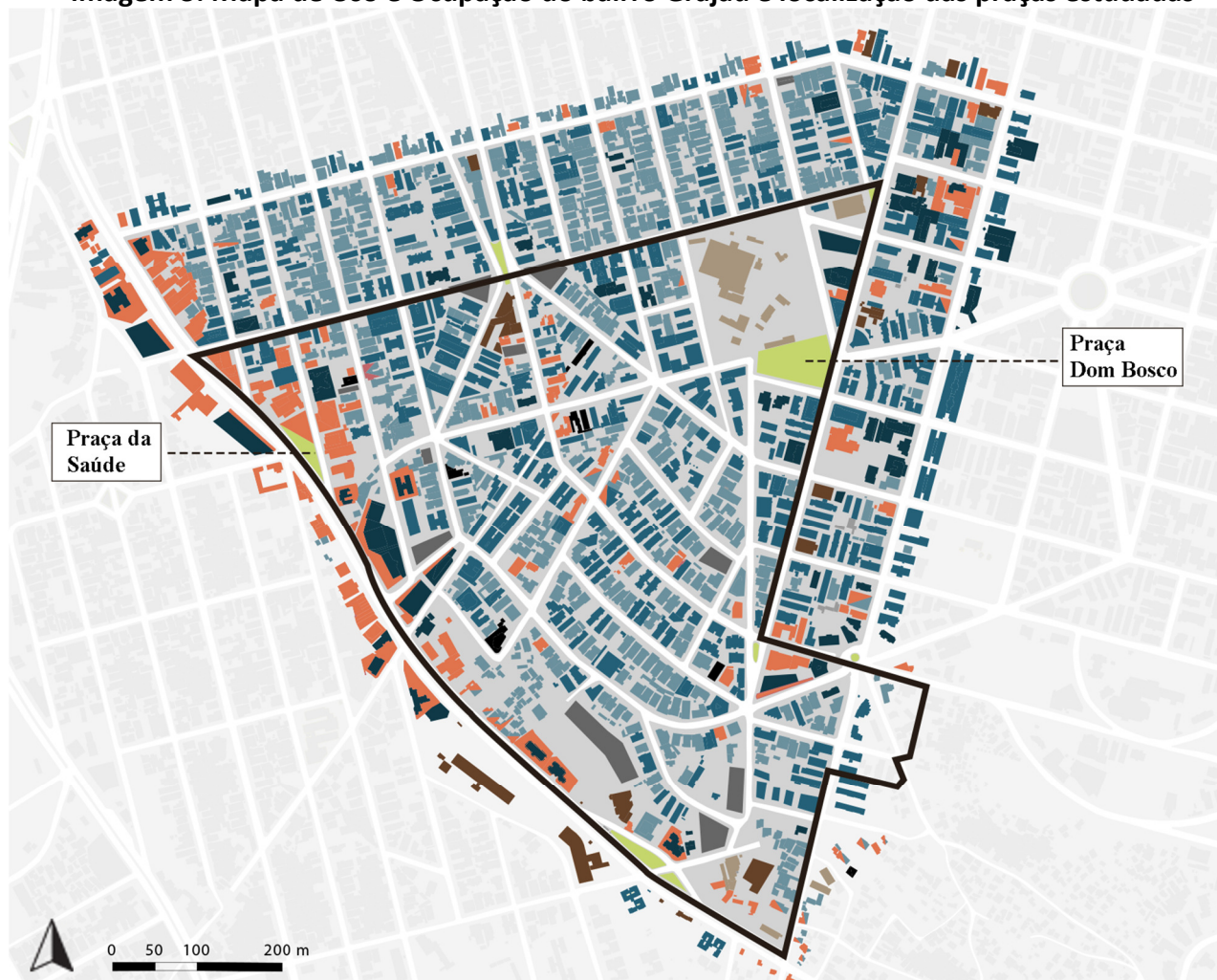


Fonte: Criada pela autora com dados extraídos de EMPRESA DE INFORMÁTICA E INFORMAÇÃO DO MUNICÍPIO DE BELO HORIZONTE (PRODABEL) (2011).

Os locais analisados neste trabalho estão situados próximo a limites opostos do bairro: a Praça da Saúde a oeste, em uma região plana e diversificada em termos de uso e ocupação (apresenta imóveis tanto residenciais quanto comerciais e institucionais); a Praça Dom Bosco a leste, em uma região de altitude elevada e terreno acidentado, de entorno predominantemente residencial. A imagem a seguir ilustra o uso e a ocupação dos imóveis do Grajaú.



Imagem 3: Mapa de Uso e Ocupação do bairro Grajaú e localização das praças estudadas



Legenda

- | | | |
|---|---------------------------------|--------------------------------|
| — limite bairro Grajaú | | |
| Imóveis Residenciais | Imóveis Não-Residenciais | Áreas de lazer públicas |
| ● habitações unifamiliares | ● comércio/serviços | ● praças |
| ● habitações multifamiliares de pequeno e médio porte (até 7 andares) | ● escolas | Vazios Urbanos |
| ● habitações multifamiliares de grande porte (acima de 7 andares) | ● equipamentos institucionais | ● lotes vagos |
| | | ● edifícios abandonados |

Fonte: Criada pela autora com dados extraídos de PRODABEL (2011).

Praça da Saúde

A Praça da Saúde foi criada em 2011 por meio de uma parceria firmada entre a empresa Unimed-BH e a Prefeitura de Belo Horizonte. A medida faz parte do programa “Adote o Verde”², promovido pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente, que tem como objetivo

² Os regulamentos deste programa podem ser encontrados em: BELO HORIZONTE, Prefeitura. *Decreto no 14.708, de 14 de dezembro de 2011*. Diário Oficial do Município, Belo Horizonte, ano 17, n. 3968, 2011. Disponível em: <<http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=1071229>>. Acesso em: 15 maio. 2018.

“(...) viabilizar a implantação e, principalmente, a manutenção de parques, praças, jardins, canteiros centrais de avenidas e demais áreas verdes públicas da cidade”³. À Unimed-BH, como parceira do programa, cabe realizar a manutenção da praça, enquanto a Prefeitura ficou encarregada de elaborar o projeto de implantação, realizar o pagamento das contas de luz e água, o apoio técnico e permitir a instalação de uma placa no local divulgando a parceria. Abaixo, tem-se uma foto desse espaço público.

Imagem 4: A Praça da Saúde



Fonte: Fotografia da autora.

A praça se encontra na bifurcação entre a Avenida Silva-Lobo e a Rua Viamão, e seu entorno imediato é caracterizado por uma topografia relativamente plana e por um uso majoritariamente comercial, marcado por estabelecimentos tais como padarias, lojas e bares. É possível notar também a presença de edifícios residenciais de grande porte e do Hospital Dia e Maternidade Unimed.

No que se refere aos aspectos físicos da praça, essa possui aproximadamente mil e seiscentos metros quadrados de área e sua implantação é caracterizada por uma leve inclinação que descendente em direção à Avenida Silva-Lobo. Dentre os equipamentos deste espaço público, destacam-se um parquinho destinado a crianças, bancos e arquibancadas,

³ BELO HORIZONTE, Prefeitura. *Adote o Verde*. Belo Horizonte: Secretaria de Meio Ambiente, 2018. Disponível em: <<https://prefeitura.pbh.gov.br/meio-ambiente/adote-o-verde>>. Acesso em: 15 maio. 2018.

mesas de xadrez e aparelhos do projeto “Academia da Cidade”⁴. Trata-se de um espaço público bem equipado e constantemente utilizado por habitantes e outros indivíduos que frequentam a região. A imagem a seguir se trata de um diagrama da configuração física da praça, em que são identificados seus elementos.



Fonte: Elaborada pela autora. Dados da pesquisa.

Praça Dom Bosco

Localizada entre as ruas General Andrade Neves, Marechal Bitencourt e Pedro Sigaud, a Praça Dom Bosco se encontra em uma área predominantemente residencial e de relevo acidentado, possuindo uma das maiores altitudes da região. A praça possui aproximadamente quatro mil metros quadrados de área, valor bem maior do que o da Praça da Saúde. Trata-se de um local silencioso e bem arborizado, cuja implantação se caracteriza por um aspecto dinâmico, estruturada por meio de vários “núcleos”, cada um com uma altura específica. Na imagem abaixo pode-se notar a praça, vista de um de seus núcleos interiores.

⁴ Trata-se de uma rede de academias criada em 2006 pela Secretaria Municipal de Saúde da PBH no âmbito do programa “Promoção de Modos de Vida Saudável” e com o apoio do Ministério da Saúde, cujo objetivo é melhorar a qualidade de vida do cidadão por meio da promoção gratuita de exercícios físicos. Hoje há 77 unidades instaladas em espaços públicos por toda a cidade de Belo Horizonte, e estas são compostas por diferentes equipamentos para a realização de exercícios. Em algumas unidades, a prefeitura promove aulas em determinados dias e horários, mas a da Praça da Saúde não é uma delas. (BELO HORIZONTE, Prefeitura. *Prefeitura vai oferecer ginástica e orientação nutricional gratuitas para a população*. Diário Oficial do Município, Belo Horizonte, ano 12, n. 2686, 2006. Disponível em: <<http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=949798>>. Acesso em: 16 maio. 2018).

Imagem 6: A Praça Dom Bosco



Fonte: Fotografia da autora

O mobiliário do local é composto por diversos bancos em cada núcleo (como se pode notar na fotografia acima, os bancos acompanham o desenho circular dos núcleos), equipamentos da Academia da Cidade, um parquinho e uma pista de corrida, que percorre toda a praça. Abaixo, tem-se o diagrama de sua configuração física e a identificação de seus ambientes.

Imagem 7: Diagrama físico da Praça Dom Bosco



Fonte: Elaborada pela autora. Dados da pesquisa.

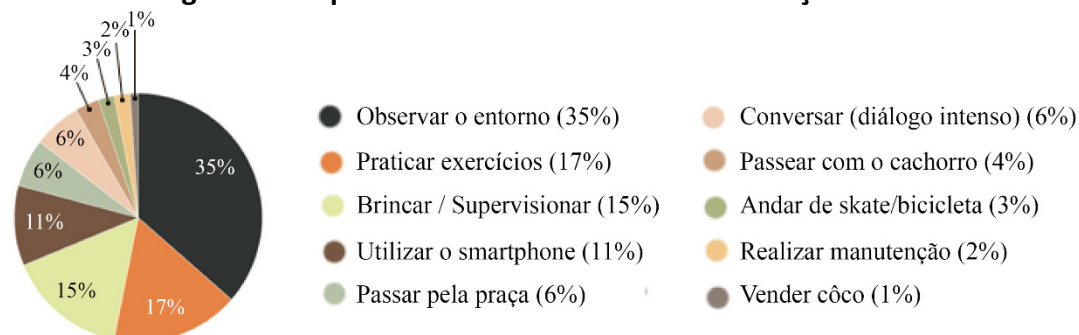
A partir das visitas de campo, pode concluir que a praça, apesar de bem equipada e extensa, é de certa forma negligenciada pelo poder público. Serviços de manutenção tais como a limpeza, o recolhimento de lixo e a poda da vegetação são raramente executados por funcionários da prefeitura, ficando ao encargo de usuários da praça que se mobilizam para preservá-la. Por se localizar em uma região majoritariamente residencial e de difícil acesso graças à topografia acidentada, a praça recebe um público menos expressivo do que o da Praça da Saúde, restringindo-se, na maioria das situações, a moradores da região.

RESULTADOS

Os resultados apresentados são o produto da fase de etnologia, que consistiu no cotejamento dos conceitos teóricos de Sociabilidade e Espaço com as experiências e conclusões que obtive durante a etnografia. Tais resultados se tratam de uma fração daqueles produzidos durante a pesquisa, e foram considerados relevantes para este artigo por apresentarem informações gerais sobre as duas praças e conclusões que comprovam a eficácia dos métodos utilizados.

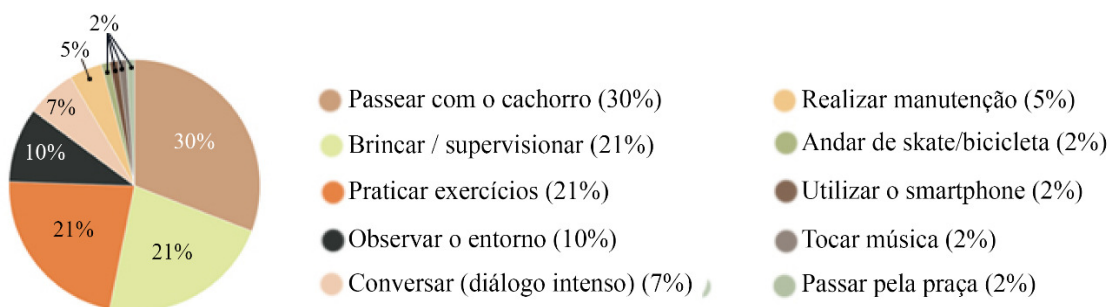
Em primeiro lugar, o contraste entre as atividades mais realizadas em cada praça é um valioso dado para a compreensão de suas dinâmicas socioespaciais. Tais informações são ilustradas nos gráficos abaixo, produzidos a partir dos dados inseridos na tabela utilizada nas visitas de campo.

Imagem 8: Frequência dos usos observados na Praça da Saúde



Fonte: Elaborada pela autora. Dados da pesquisa.

Imagem 9: Frequência dos usos observados na Praça Dom Bosco



Fonte: Elaborada pela autora. Dados da pesquisa.

Enquanto na Praça da Saúde “observar o entorno” é a atividade mais frequente, na Praça Dom Bosco “passar com o cachorro” é o principal uso. Ainda mais interessante é o fato de que tais atividades, quando observadas nas praças opostas, não passam de uma frequência de 10%.

O ato de observar o entorno depende principalmente do contexto urbano em que a praça está inserida, das diferentes atividades e paisagens que possui, dos estímulos visuais que implica, bem como da conformação física do próprio espaço público – que tipos de mobiliário possui, como estes estão distribuídos, entre outros. Como a Praça da Saúde está inserida em uma região diversificada e movimentada e a Praça Dom Bosco, por outro lado, se encontra em um local predominantemente residencial, é natural a compreensão de porque uma atrai mais observadores do entorno⁵ do que a outra. Além disso, ao analisar a configuração física das duas praças, é possível perceber que a da Saúde é estruturada de forma linear e “aberta” ao entorno, com um desenho que acompanha as duas vias com as quais faz limite (a Rua Viamão e a Avenida Silva-Lobo), e com uma variedade de mobiliários que convidam os usuários a se sentarem e apreciarem a vida ao seu entorno – o banco curvo, a arquibancada, os bancos de madeira⁶, etc. A Dom Bosco, por outro lado, é estruturada de forma mais “autocentrada”, a partir de diversos núcleos separados, cujos bancos estimulam os usuários a se voltarem para seu interior e de certa forma ignorarem o seu entorno. Esse contraste pode ser notado na imagem abaixo:

Imagem 10: À esquerda, a Praça da Saúde e a Avenida Silva Lobo. À direita, uma das extremidades da Praça Dom Bosco e a Rua Pedro Sigaud. Nota-se claramente a diferença da relação das duas praças com seus entornos: enquanto a Praça da Saúde se abre à avenida, a Praça Dom Bosco se encontra recuada e em um nível mais elevado do que a rua.



Fonte: Fotografias da autora.

Já o fato de uma praça atrair mais donos de cachorros do que a outra não é tão óbvio, mas é possível supor algumas explicações. A primeira delas seria o fato de que a Praça Dom Bosco pode ser um local mais apropriado para tal atividade, por possuir uma baixa rotatividade de pessoas, o que é conveniente tanto para o cachorro, que não fica “estressado”, quanto para o dono, que não precisa se preocupar com um grande número de

⁵ “Observadores do entorno” designa aqueles usuários cuja atividade predominante na praça é observar o entorno, geralmente sentados em um banco.

⁶ Esses mobiliários estão identificados no diagrama da configuração física da Praça da Saúde, apresentado anteriormente.

interações inesperadas entre seu animal e outros usuários do local. Outro motivo seria o fato de tal praça ser maior e possuir mais jardins do que a Praça da Saúde, oferecendo mais conforto para cães em geral. Não obstante, tais motivos não contribuem integralmente para uma explicação acerca do elevado número de pessoas que levam seus cachorros à Praça Dom Bosco – a atividade representa 30% de todos os usos desse espaço público. A resposta a tal questão pode ser dada por um dos fenômenos de sociabilidade observados na praça: um grande grupo de usuários com seus cachorros que se reúnem frequentemente no local, os quais denominei como o “grupo dos cachorros”. De fato, no início, os atrativos físicos da praça foram os aspectos que atraíram os donos de cachorros para tal espaço público, mas, sem dúvida, tal atividade foi reforçada ao longo do tempo devido à formação de um numeroso grupo de amigos que passaram a frequentar religiosamente a praça.

A menção ao “grupo dos cachorros” traz à tona outro interessante dado de contraste entre as duas praças, a manutenção. Apesar de a Praça da Saúde contar com os serviços de manutenção de uma empresa privada, responsável por contratar funcionários que realizam sua limpeza e outras funções, foi durante as visitas de campo na Praça Dom Bosco, praticamente abandonada pelo serviço público, que observei mais indivíduos realizando trabalhos de manutenção do espaço público. Diferentemente da Praça da Saúde, na Praça Dom Bosco, conforme informações adquiridas por meio das entrevistas, quem realiza a maior parte dos serviços de manutenção são os seus próprios usuários, pertencentes ao “grupo dos cachorros”. Tais indivíduos não são profissionais especializados em jardinagem ou em limpeza, mas realizam tais atividades, indireta ou diretamente, em função de uma solidariedade de base que foi construída a partir daquele espaço público de encontro. A solidariedade de base, conforme explica Maffesoli (1984), trata-se de um vínculo comunitário que existe entre um grupo de indivíduos, geralmente simbolizado em um local importante para tais pessoas, muitas vezes seu ponto de encontro. Na imagem abaixo é possível identificar alguns trabalhos realizados pelo grupo na praça.

Imagem 11: Intervenções e trabalhos de manutenção dos integrantes do “grupo dos cachorros” na Praça Dom Bosco



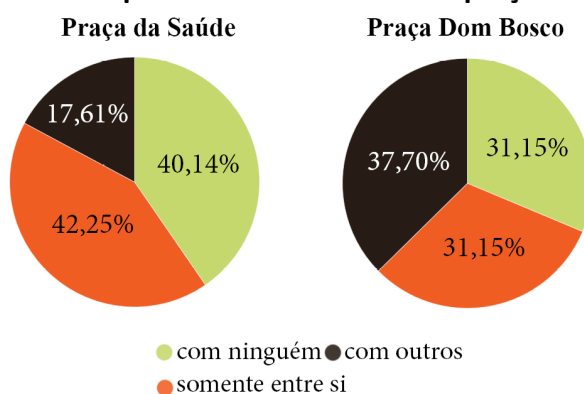
Fonte: Fotografias da autora.

A partir das entrevistas que realizei na praça, tomei conhecimento de que desde 2014 os integrantes desse grupo se reúnem praticamente todos os dias na Praça Dom Bosco, onde se conheceram e iniciaram uma relação de sociabilidade frequente e duradoura impulsionada inicialmente pelo fato de possuírem algo em comum, os seus cães. Essa relação, construída e mantida principalmente no núcleo adjacente⁷, onde os integrantes do grupo também realizam aniversários e comemorações de natal e de festa junina, fortaleceu-se e passou a constituir um vínculo comunitário que se simboliza em tal local, concretizando a existência de uma solidariedade de base.

É essa solidariedade de base que estabelece um laço tão emocional entre os usuários e o espaço a ponto de estimulá-los a cuidar da praça. Não é à toa que a maioria das intervenções realizadas por tais indivíduos, tais como plantio de grama e árvores, sejam frequentemente realizadas no entorno de seu ponto de encontro usual: aquele é o seu Lugar. Conforme elucidam Yu-Fu-Tuan (1983) e Marc Augé (1995), um espaço pode ser caracterizado como Lugar quando possui algum significado simbólico para um indivíduo ou um grupo de indivíduos, seja esse derivado de um sentimento comunitário, de um profundo conhecimento que determinado usuário adquire ao frequentá-lo sempre, entre outros.

Tal questão leva à discussão das diferenças entre as duas praças no quesito “com quem se relacionam”, cuja análise permite compreender como funciona a dinâmica da sociabilidade em cada objeto de estudo. Assim como os dois gráficos anteriores, os seguintes também foram produzidos a partir dos dados inseridos na tabela utilizada nas visitas de campo.

Imagem 12: Com quem os usuários de cada praça se relacionam



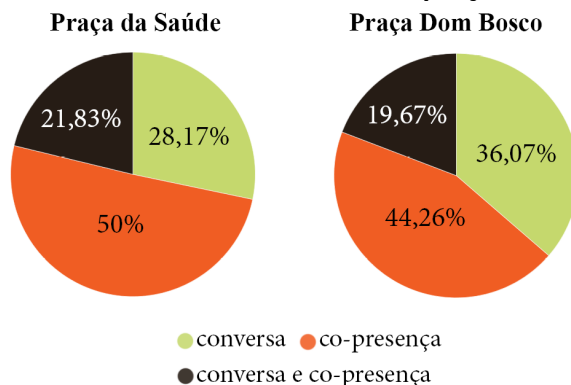
Fonte: Elaborada pela autora. Dados da pesquisa.

Enquanto na Praça da Saúde não se relacionar “com ninguém” e relacionar “somente entre si” são os padrões mais frequentemente observados, na Praça Dom Bosco essas duas categorias são superadas por “se relacionar com outros”, ou seja, com estranhos, o que aponta um comportamento mais sociável de seus usuários. Os gráficos abaixo ajudam a ponderar essa afirmação:

⁷ Os nomes dos ambientes da Praça Dom Bosco estão enumerados no diagrama de sua configuração física, apresentado anteriormente.



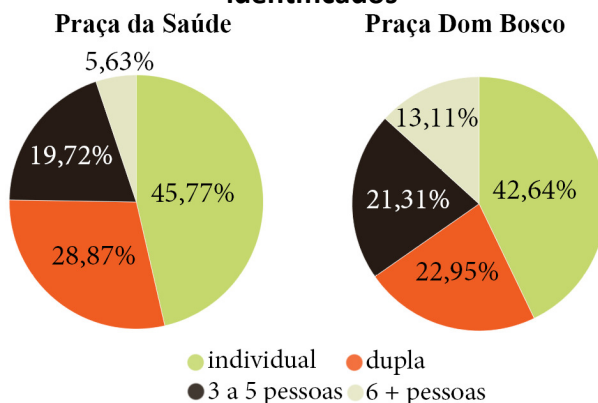
Imagem 13: Como os usuários de cada praça se relacionam



Fonte: Elaborada pela autora. Dados da pesquisa.

A leitura do gráfico acima permite compreender que, apesar de no gráfico anterior notar-se uma postura mais sociável dos usuários da Praça Dom Bosco, não há tanta diferença entre a forma com que os frequentadores de cada praça se relacionam. Por outro lado, as leves diferenças notadas também corroboram para a primeira afirmação. Nota-se que na Praça Dom Bosco há uma maior incidência de relações diretas entre os usuários por meio da conversa do que na da Saúde, enquanto nesta a ocorrência de relações indiretas, por meio da copresença, é mais frequente. Soma-se a isso o fato de na Praça Dom Bosco observar-se uma maior presença de grandes agrupamentos (“6 + pessoas”) do que na da Saúde, conforme indicado nos gráficos abaixo:

Imagem 14: Frequência relativa à quantidade em que os usuários de cada praça foram identificados

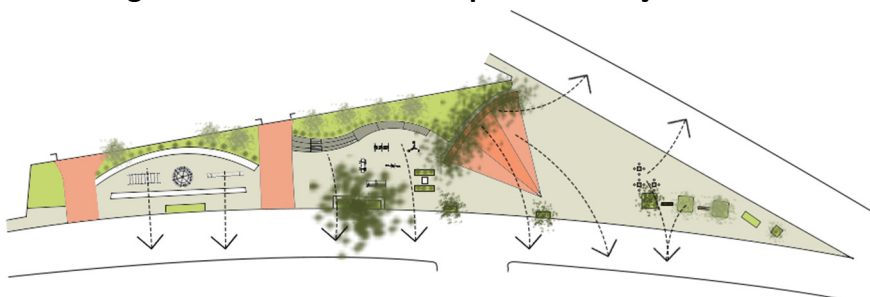


Fonte: Elaborada pela autora. Dados da pesquisa.

Esse padrão pode ser explicado pelo fato de que a Praça Dom Bosco serve como ponto de encontro de indivíduos que se conheceram ali, explicação comprovada pela existência de grupos tais como o “grupo dos cachorros” ou o “grupo das babás”, este formado por babás que trabalham próximo à praça e a frequentam nos dias de semana pelas manhãs. Durante uma entrevista realizada, uma das integrantes explicou que elas se conheceram no próprio local e, por meio da interação das crianças de quem tomavam conta, acabaram criando vínculos.

Entender o motivo de tal descompasso social e interacional entre as duas praças só é possível com a análise de seus espaços. Em primeiro lugar, a configuração e disposição física dos locais estudados é claramente muito diferente. Enquanto a Praça da Saúde assume um caráter físico linear e contínuo, em correspondência com a Avenida Silva-Lobo, a Praça Dom Bosco, situada entre vias locais, ocupa uma área mais larga e pode ser caracterizada por uma descontinuidade em seu interior, formado por núcleos separados por jardins e conectados por estreitas passagens. Somando-se tais características internas físicas das praças ao seu entorno, pode-se compreender de forma geral a dinâmica socioespacial das duas praças. A da Saúde possui um entorno vivo e diverso, que interage com o local e chama a atenção de seus usuários, enquanto a Dom Bosco possui um entorno calmo e residencial, muitas vezes vazio. Dessa forma, pode-se dizer que a dinâmica espacial das praças influencia e se mistura às suas dinâmicas sociais de tal forma que na Praça da Saúde os usuários e as atividades realizadas extrapolam as fronteiras físicas do espaço público e, na Dom Bosco, esses elementos permanecem concentrados exclusivamente na praça. Analisar as praças a partir de seus entornos é uma postura imprescindível na pesquisa, uma vez que se assume que os espaços pesquisados são relacionais. Criado por Harvey (2006), o conceito “espaço relacional” designa um tipo de espaço que transcende as barreiras físicas de seu território, estando sujeito a constantes mudanças propiciadas por fatores tanto internos aos seus limites quanto externos. As imagens abaixo ilustram o descompasso entre as dinâmicas socioespaciais das duas praças:

Imagem 15: Dinâmica socioespacial da Praça da Saúde



Fonte: Elaborada pela autora.

Imagem 16: Dinâmica socioespacial da Praça Dom Bosco

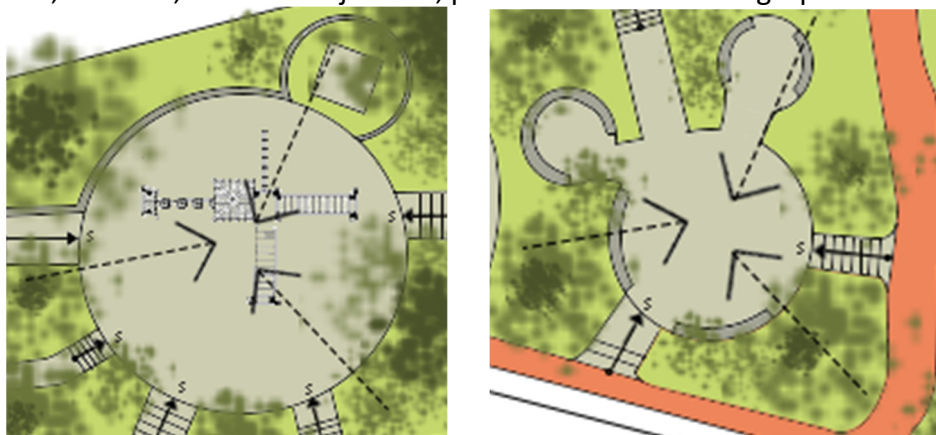


Fonte: Elaborada pela autora.

Os usuários da Praça da Saúde, ao extrapolar seus limites físicos, têm, obviamente, outras opções de comportamento além das voltadas exclusivamente para a praça. Essa tendência pode ser exemplificada por usuários que frequentam a praça em função de um compromisso, como uma mulher entrevistada que esperava por sua consulta a uma clínica nas proximidades, ou por indivíduos que utilizam daquele local como um lugar para sentar e se comunicar virtualmente com outras pessoas e ter acesso a várias informações, tais como os usuários cuja principal atividade que realizam na praça é utilizar seus *smartphones*. Muitas vezes tais usuários não estão dispostos a conversar com outras pessoas, já que há mais coisas para fazer além disso. Por outro lado, a amplitude desse espaço relacional culmina também em numerosas e diversas relações de sociabilidade travadas na Praça da Saúde. As aulas de *Zumba*, realizadas na arena da praça todas as quartas às 19h, reúnem em média 40 pessoas e são marcadas por inúmeras interações entre indivíduos que moram ou trabalham perto do local, ou que mesmo não residindo na região frequentam as aulas por as terem conhecido a partir de algum parente ou amigo. Da mesma forma, numerosas são as relações de sociabilidade travadas, mesmo que brevemente, entre conhecidos que se encontram eventualmente na praça.

Já na Praça Dom Bosco, reclusa e autocentrada como é, os usuários se encontram em uma posição em que o que mais lhes chama atenção é o que ocorre e quem está na própria praça. Tal espaço público se trata do que Gehl (2010) denomina como um perfeito local “para encontrar”, ou seja, oferece condições perfeitas para a comunicação entre indivíduos: silêncio para escutar e falar. Tal característica é provavelmente uma das principais razões para a formação de grandes grupos na praça, uma vez que seus integrantes se conheceram ali, interagiram-se quando eram apenas estranhos uns para os outros, graças às boas condições de comunicação. Adiciona-se ainda a isso o fato de a praça ser estruturada a partir de diversos núcleos circulares, que, também de certa forma isolados e autocentrados, estimulam ainda mais a interação dos indivíduos e a permanência de grupos exclusivamente nesses locais, conforme representado na imagem abaixo:

Imagem 17: Diagrama que ilustra o caráter autocentrado e a permanência dos usuários da praça no interior dos núcleos: à esquerda, o núcleo central, ponto de encontro do “grupo das babás”; à direita, o núcleo adjacente, ponto de encontro do “grupo dos cachorros”.



Fonte: Elaborada pela autora.



Sem dúvida, as características espaciais das duas praças exercem influência sobre as formas de sociabilidade que se mostram mais comuns em cada local. Por outro lado, essas formas de sociabilidade influenciam o modo como os indivíduos utilizam tais espaços.

Na Praça Dom Bosco, a estruturação em núcleos e seu aspecto autocentrado estimula a interação entre os usuários e favorece a formação de grupos; observa-se um maior número de relações de sociabilidade habituais e duradouras, travadas entre indivíduos que se conhecem. Esses grupos, por sua vez, passam a frequentar determinados ambientes da praça, ressignificando-os e, em algumas ocasiões, como no caso do “grupo dos cachorros”, mudando significativamente o aspecto físico desses ambientes. O cuidado com a vegetação, por exemplo, faz com que a praça assuma uma estética amigável, que sugere que seus usuários cuidam de seu espaço, panorama contrário à aparência abandonada e não convidativa que a praça poderia ter caso não houvesse uma mobilização dos indivíduos em torno de sua manutenção.

Na Praça da Saúde, por outro lado, o modo como sua implantação e seu mobiliário se abre ao entorno movimentado suscita um maior número de relações de sociabilidade fortuitas e efêmeras. A maioria de seus usuários se encontra sozinho ou em duplas e estão ali para diferentes propósitos, o que faz com que sua distribuição por toda a praça seja de certa forma homogênea, e não concentrada em determinados espaços como na Praça Dom Bosco. Durante minhas visitas de campo, não identifiquei na Praça da Saúde intervenções permanentes feitas por seus usuários, mas esse fato pode também ser justificado pela manutenção constante do local realizada por funcionários contratados pela Unimed-BH.

De acordo com as análises expostas, pode-se afirmar que as praças possuem dinâmicas socioespaciais diferentes, mas deve-se atentar para não as opor completamente. De fato, pude perceber ao longo do trabalho que é uma maior tendência de na Praça Dom Bosco se encontrar relações de sociabilidade habituais e duradouras, enquanto que na Praça da Saúde a maior tendência é a de se perceber relações fortuitas e efêmeras, mas essas tendências não caracterizam completamente as dinâmicas socioespaciais de tais espaços públicos. É preciso se atentar para não realizar afirmações maniqueístas, e compreender que nas duas praças é possível identificar diversas tipologias de sociabilidade - a leitura aqui realizada é apenas uma das formas de se compreender o cotidiano desses espaços públicos, complexos como são.

CONCLUSÃO

Ao longo deste artigo, procurei mostrar como a utilização de uma metodologia antropológica me ajudou a responder a hipótese da pesquisa, que sugeria a existência de uma interação dialética entre as relações de sociabilidade estabelecidas entre os cidadãos e o espaço público onde essas ocorriam. Presumi que as estratégias e dispositivos que adotei ao longo das visitas de campo e no trabalho de interpretação dos dados colhidos formariam um bom material de consulta àqueles que desejassem conhecer a fundo seu objeto de estudo e de intervenção, em especial estudantes de Arquitetura e Urbanismo, como eu.

Acredito que tenha ficado clara minha postura por, em um momento inicial, aprender de que se tratava o método etnográfico e como ele se situava na história da Antropologia,

para, depois, decidir as estratégias que iria adotar durante minhas incursões a campo, uma mistura entre conceitos apreendidos e escolhas derivadas de experiências práticas. Com a apresentação de uma parte dos resultados da pesquisa, acredito também que se esclarece a questão de que a etnografia é um dispositivo valioso na apreensão e investigação do objeto de estudo, uma vez que foi a sua adoção que me permitiu captar particularidades das duas praças pesquisadas e de seus usuários, a fim de que notasse, no detalhe do dia-a-dia, as relações dialéticas existentes entre o Espaço e a Sociabilidade. Por fim, deixo aqui meu incentivo a futuros arquitetos e urbanistas para que mergulhem em seus objetos de estudo e se interessem cada vez mais por uma interdisciplinaridade na construção do conhecimento.

REFERÊNCIAS

- AGIER, Michel. *Antropologia da Cidade: Lugares, Situações, Movimentos*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.
- AUGÉ, Marc. *Non-Places: introduction to an anthropology of supermodernity*. London: Verso, 1995.
- BARBABELA, Fernanda Meniconi. *A Cidade e Suas Pessoas: uma investigação etnográfica de redes de sociabilidade e espaços urbanos*. 2018. 124 f. Monografia (Graduação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura, Programa de Educação Tutorial, Belo Horizonte, 2018.
- ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho Da. Etnografia: saberes e práticas. *Iluminuras*, Porto Alegre, v. 9, n. 21, 2008.
- GEHL, Jan. *Cities for people*. Washington: Island Press, 2010.
- HARVEY, David. Space as a keyword. (270-293). In: CASTREE, Noel; GREGORY, Derek (Org.). *David Harvey: a critical reader*. Malden: Blackwell Publishing, 2006.
- LARAIA, Roque De Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- MAFFESOLI, Michel. *A Conquista do presente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Quando o Campo é a Cidade: Fazendo Antropologia na Metrópole. (12-53). In: MAGNANI, José Guilherme Cantor; TORRES, Lillian de Lucca (Org.). *Na Metrópole: Textos de Antropologia Urbana*. São Paulo: Editora da USP; FAPESP, 2000.
- MALINOWSKY, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MATTA, Roberto Da. O ofício de etnólogo, ou como ter *anthropological blues*. *Boletim do museu nacional: antropologia*, Rio de Janeiro, n. 27, 1-12, 1978.

NUNES, João Arriscado. Erving Goffman, a análise de quadros e a sociologia da vida cotidiana. *Revista crítica de ciências sociais*, Coimbra, n. 37, 33-49, 1993.

EMPRESA DE INFORMÁTICA E INFORMAÇÃO DO MUNICÍPIO DE BELO HORIZONTE (PRODABEL). *Levantamento Aerofotogramétrico do Município de Belo Horizonte*, 2011. Prefeitura de Belo Horizonte. DVD-ROM. 2011.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. Como e quando pode um arquiteto virar antropólogo? (37-57). In: VELHO, Gilberto (Coord.). *O Desafio da cidade: novas perspectivas da antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

YU-FU-TUAN. *Espaço e Lugar: A perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.